

# boletim

da comissão pastoral da terra

(ligada à linha 3 da CNBB)

SÓ HAVERÁ UMA VERDADEIRA PÁSCOA  
QUANDO HOVER IGUALDADE DE DIREITOS  
ENTRE TODOS.

POR ENQUANTO,  
O TRABALHADOR QUE MORA NAS CIDADES  
NÃO TEM GARANTIAS,  
E O TRABALHADOR DA ROÇA  
NÃO TEM TERRA PARA TRABALHAR.

NÃO PODEMOS TER MUITA ALEGRIA.

NESTA PÁSCOA  
NÓS TEMOS QUE PENSAR NA NOSSA SITUAÇÃO  
E EM TODOS QUE ESTÃO PASSANDO APERTO.  
PARA MUITOS COMPANHEIROS  
ESTA SAFRA AQUI VAI SER A ÚLTIMA.  
DEPOIS VÃO TER QUE MUDAR  
PARA OUTRA TERRA,  
IR PARA O NORTE EM BUSCA DE TRABALHO.

NÃO VÃO PARA A TERRA PROMETIDA  
MAS PARA A INSEGURANÇA E O PREJUÍZO.

*(Reflexões de lavradores, Páscoa de 1975)*

LEIA NESTE NÚMERO:

EDITORIAL: A necessidade da Reforma Agrária.

DOCUMENTOS:

- 31 Bispos apoiam os que trabalham com os pobres.
- Carta de D. José Pires sobre o meio rural.
- Mensagem de D. Tomás Balduino à Igreja de Itaguaru.

NOTÍCIAS:

- Dos Regionais da Comissão Pastoral da Terra
- Das outras regiões
- Dos leitores

" EU VIM PARA QUE TODOS TENHAM VIDA E VIDA EM ABUNDÂNCIA ".

(Jo. 10,10)



A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, é um organismo ligado, oficiosamente, à CNBB, à sua Linha Missionária. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão 01 do Encontro de Goiânia sobre Terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1.975).

---

BOLETIM DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Responsabilidade: Secretariado da Comissão  
Pastoral da Terra.

Caixa Postal, 174

74.000 - GOIÂNIA - GO

---

CAPA: "A família de retirantes" de C. Portinari.



A NECESSIDADE DA REFORMA AGRÁRIA

Que existem milhões de trabalhadores sem terra todos já sabemos. Que há milhões de desempregados e subempregados é um fato difícil de negar. Quantos serão? Como conseguem viver? A estas perguntas, não contando as respostas dadas pelos que têm interesse em manter a maioria da população neste estado para usá-la, não é fácil responder. Poderíamos dizer que apenas sobrevivem por teimosia, pelo instinto de autoconservação. Mas quando nos damos conta de que esta é a situação de quase 80% da nossa população, a resposta nos deixa alarmados.

Há pouco tempo um lavrador, mineiro de nascença, assim definia a si próprio e a seus companheiros: "Somos um povo de desmatadores. Desmatamos primeiro Minas. Quando terminou a destoca, o fazendeiro não precisou mais de nós: tocou capim e boi, ou comprou máquina. Daí, nós viemos pro Norte, caçando serviço, jeito de viver com a família. Agora, já desmatamos essa parte Sul de Goiás e não tem mais precisão de nós por aqui. Querem que a gente toque pro Norte pra continuar nossa tarefa: desmatar". Soubes se este lavrador que atualmente há máquinas enormes e que há "desfolhantes químicos", saberia também que esta tarefa reservada ao povo mais pobre quase não mais existe.

Nosso povo do interior é nômade, é quase todo migrante. Acima citamos a fala de um representante dos mineiros. Na Amazônia, porém, encontramos gente de todos os Estados do Brasil, inclusive dos Estados vizinhos, uma troca constante. E cada mudança, excluídos alguns casos de famílias do Sul que já vieram com capital (geralmente oriundo da venda de suas pequenas propriedades), significa um degrau a mais de miséria, quando ainda há condições de se tornar mais miserável.

Há quem diga que o salário, ou pagamento do trabalho, não é muito importante para o trabalhador rural, pois este pode praticamente viver do que planta ao redor de sua casa, sem precisar comprar no mercado. Isso não passa de uma falsa informação. Hoje, os donos das terras praticamente não deixam ninguém plantar nem uma horta, sob alegação que isto poderia servir de base para o lavrador requerer seu pedaço de chão. Aliás, até os frutos do mato, que antes constituíam significativa parcela da alimentação do povo do campo, são controlados, ou proibindo que sejam colhidos ou exigindo a meia do que é colhido!

Será esta uma visão negativista? O fato é que por todo lado só se ouve é queixa. O pessoal já está dizendo: qualquer mudança tenha o nome que tiver, não pode ser tão ruim; se fosse ruim, já estava conosco". Ou seja: "pior do que está não há jeito de ficar". Ou haverá? Talvez... Um lavrador, que trabalha em regime de "meia", dizia: "nós aqui não estamos ainda unindo todos pra conseguir melhora pra nós, sabe por quê? É porque tem esses enganões de trabalho "meiado", o pessoal fica com medo de ficar sem nada. Precisava era todos ficarem sem nada pra então fazer uma frente só e exigir refor-

ma prá nós".

Se este trabalhador apresentou um problema real e dramático, indicou também um caminho possível: uma reforma que esteja voltada para as necessidades do povo, exigida pelo povo. No caso do campo ela se chamaria: reforma agrária. Não uma reforma agrária qualquer, (não se diga por favor, que a atividade do INCRA é promoção de reforma agrária), mas uma mudança realmente qualitativa nas estruturas de produção e de comercialização da agropecuária. No caso brasileiro, o ponto de partida, deixando claro que não é só isto que constitui um programa de reforma agrária, é a transformação do atual regime de propriedade, extinguindo o latifúndio e fazendo uma redivisão da terra.

Propor uma reforma agrária voltada para as necessidades do povo significa indicar um caminho contrário ao que está sendo seguido no atual "modelo brasileiro". Para a maioria do povo o caminho seguido e os resultados colhidos só trouxeram maior miséria. É claro que houve crescimento econômico. Mas favorecendo a quem? Primeiro aos estrangeiros ricos que controlam a nossa economia, nossa indústria e, ultimamente, nossa terra, com todas suas riquezas. Depois, a uns poucos brasileiros que lhes fazem as vontades: ao todo não passam de 5% de nossa população. E que "reforma agrária" está sendo produzida no Brasil? É a da entrega de enormes propriedades a grupos estrangeiros, e alguns nacionais ligados ao capital estrangeiro, continuando a formação de latifúndios. Além disso, a eles são oferecidos recursos fáceis para organizarem sua "empresas agropecuárias".

E para o povo? Algumas manchas de chamada "colonização". Ela está fracassando por falta de criação de uma estrutura de base que lhe garanta continuidade. Dizem que não há recursos para fazer isto. O quê? Como é que para os ricos eles existem? Se todos os impostos recolhidos pelo governo, fossem bem empregados num verdadeiro programa de reforma agrária, não criariam mais condições de nosso povo viver, garantindo ao mesmo tempo uma produção agrícola suficiente, e mais do que suficiente, para a alimentação de todo nosso povo? Prefere-se o latifúndio. E com ele, a febre de uma pecuária extensiva, irracional, de depredação da natureza, que custa pouco e dá muito lucro. E se procura vender aos estrangeiros porque o nosso povo não tem condições de comer carne. Aos poucos, não terá condições de consumir nada, a não ser que passe a roubar.

Qual é a posição, qual a esperança que anima os nossos trabalhos pastorais junto aos trabalhadores rurais? Estaremos trabalhando no sentido de eles tomarem consciência de sua realidade, encontrarem suas formas de organização para conseguir as mudanças necessárias? Ou estaremos somente preocupados em fazer deles "bons fiéis", conformados, sem ânimo para construir seu futuro? É sempre bom lembrar que Jesus veio para que todos tenham vida e vida em abundância. (Jo 10,10) Que não aconteça o contrário em nossos trabalhos: querendo atender a todos, fiquemos dando mais poder aos poderosos, colaborando para que os oprimidos tenham menos vez e não lutem por dias melhores. Essa luta dos oprimidos não pode agradar a todos, como não agradou o Evangelho de Cristo. É claro que os grandes proprietários de terra, por exemplo, não serão favoráveis a uma reforma agrária global, mesmo se forem frequentadores da igreja: seu interesse é a defesa da propriedade e seus privilégios. E todos os que ficam por aí defendendo o princípio da propriedade, sem ao menos prever alguns limites, não podem dizer que estejam ao lado dos camponeses.

Cabe a todos nós "empenhar-nos no processo global de reforma agrária do nosso País" (Cf. Encontro de Goiânia). Vamos vencer o medo e superar as confusões e trabalhar juntos pela libertação dos camponeses do Brasil.

## DOCUMENTOS

## I - 31 BISPOS APOIAM OS QUE TRABALHAM COM OS MAIS POBRES

*Diante das muitas perseguições que são feitas aos que trabalham em favor e junto com o povo oprimido, principalmente da injusta expulsão do Pe. Francisco Jentel, 31 Bispos assinaram a carta que publicamos a seguir. Eles estiveram presentes à sagração de D. Marcelo Carvalheira, em João Pessoa. É um documento importante pois foi assinado, entre outros, pelo Presidente da CNBB, D. Aloisio Lorscheider.*

Vindos de diferentes regiões do Nordeste e do Brasil, nos reunimos, como irmãos e pastores, para celebrar na alegria do Espírito a ordenação episcopal de D. Marcelo Pinto Carvalheira, auxiliar de D. José Maria Pires na Igreja da Paraíba.

Como Bispos, sentimos de perto a nossa plena identificação com o esforço desta Igreja. Aqui se plantam, bem como em outras regiões do país, através de um trabalho perseverante, sofrido mas cheio de esperança, as sementes de uma Igreja cada vez mais encarnada na vida do povo, simples e humilde, fraco e marginalizado, mas autêntico na sua abertura ao Evangelho.

De fato este povo se reúne, convocado pelo Evangelho, em pequenos grupos para rezar, ouvir a Palavra de Deus e compartilhar o dia a dia com os irmãos. Eles sabem que o Senhor fala através dos fatos cotidianos. Fortalecidos nesta união e pela palavra do Evangelho, procuram enfrentar os problemas que lhe são comuns. A grande força desta Igreja, que nasce do povo é a verdade e a liberdade de Espírito. Conscientes de sua condição, persistem em utilizar os recursos que estão ao seu alcance; o valor de sua dignidade como pessoas humanas, irmãos uns dos outros, tendo fé em Jesus Cristo, único Senhor da História, que assim definiu a sua missão: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para por em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor". (Lc 4, 18-19; Cf. Is 61, 1-2).

Este povo simples que não nega a sua condição. Retirante ou na precariedade de sua situação nômade, marginalizado quase sempre, sua origem e sobrevivência é a terra. E esta terra, cada dia, lhe é negada. Tangido para adiante, não sabe a

quem recorrer para fazer valer os seus direitos de homens, de lavradores e para cumprir o mandato do Senhor, iniciando o História: "Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a..." (Gen 1,28)

Assumir esta Igreja do povo é nossa estrita Missão pastoral. E para realizarmos esta Missão, constantemente surgem generosos colaboradores padres, religiosos, religiosas ou leigos, vindos até mesmo de outras nações, pois o amor de Cristo, do qual todos nós somos testemunhas, não tem limites nem fronteiras. A sua constância em assumir conosco os problemas dos mais humildes, certamente traz consigo o preço da Cruz e a incompreensão de não poucos. Quando muitos deles são perseguidos, por causa do Evangelho, manifestamos aqui o nosso apoio e solidariedade. Exemplo desta incompreensão foi a recente expulsão de Padre Francisco Jentel, por decreto oficial do Senhor Presidente da República. Missionário no Mato Grosso, ele sentiu como nós e nossos colaboradores o problema dos sem terra. Durante 21 anos, com paciência procurou o diálogo com todos os responsáveis e comunhão de vida com os oprimidos, índios e posseiros de sua região, para que se fizesse justiça em favor deles. E eis que ele mesmo foi vítima de uma grande injustiça: a expulsão definitiva do país, mesmo tendo sido reconhecido como cumpridor das leis e nada constasse oficialmente contra a sua conduta.

Protestamos, como Igreja, e em nome do povo, diante deste acontecimento, que significou um passo atrás no caminho da justiça.

Ao terminar esta mensagem nos identificamos plenamente com as palavras e propósitos do novo bispo Marcelo. É claro que o seu compromisso é com todos, sempre aberto ao diálogo, pois acredita "fundamen-



talmente na pessoa humana e aposta na sua bondade radical como criatura de Deus, na vitória final do bem no coração do homem". E ainda... "é evidente que, no Serviço indiscriminado de todos eu me deva colocar sempre na ótica do pobre, eu deva assumir sempre como ponto de partida a perspectiva do pequeno, isto é, daquele a quem a Virgem Maria privilegiou no seu Magnificat: o injustiçado, o oprimido, o sem voz e sem vez,

que, em nosso meio, são legião".

A serviço desta legião todos nós estamos e aqui renovamos colegialmente este nosso compromisso.

Que o Senhor nos guarde e fortaleça o nosso testemunho.

João Pessoa, 27 de dezembro-75

## II - CARTA PASTORAL DE DOM JOSÉ MARIA PIRES SOBRE OS

### PROBLEMAS DO CAMPO

*Ele é arcebispo da Paraíba. Já fez outras cartas de apoio à causa dos posseiros que existem em sua Igreja. Esta que publicamos serve para fazer pensar sobre a injustiça em que vivemos camponeses, sobre a falsidade das acusações feitas contra quem está ao lado desse povo e sobre a missão da Igreja de Jesus Cristo.*

Meus irmãos:

Um dia os apóstolos Pedro e João foram levados à presença das autoridades que lhes proibiram continuar anunciando o Evangelho de Jesus Cristo. "Mas Pedro e João responderam:

*- Os senhores mesmo julguem diante de Deus: Devemos obedecer aos senhores ou a Deus? Por que não podemos deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos! Em seguida o Conselho Superior os ameaçou mais ainda e os mandou embora" (Atos dos Apóstolos 4,19-21).*

Nosso irmão Frei Hermano José foi também chamado de novo ao I Grupamento de Engenharia por autoridades da Segurança Nacional. Acusaram-no "de estar pregando a violência, levando o povo a fazer greve, de ser ele comunista e subversivo como o Arcebispo da Paraíba". Advertiram-no de não continuar seu trabalho junto aos camponeses. E o ameaçaram de fazer um processo contra ele e expulsá-lo do país.

Fazendo-lhes esta comunicação, meus caros irmãos, peço-lhes antes de tudo que rezem por mim, por Frei Hermano José e por todos os cristãos que estão sendo fiéis a Jesus Cristo dedicando-se aos pobres e marginalizados.

Posso assegurar a vocês que Frei Hermano José tem todo o apoio da Arquidiocese e da Ordem Franciscana a que pertence. Seus superiores religiosos mandaram uma

carta ao Comandante do I Grupamento de Engenharia no qual declaram "que o Trabalho de Frei Hermano nas Paróquias de Alhandra e Taquara é um trabalho essencialmente sacerdotal" e manifestam "a solidariedade da comunidade franciscana, representada pelo Conselho Deliberativo da Província, ao nosso confrade Frei Hermano José Cuerten, em face das injustas acusações de que está sendo vítima". Ninguém acredite que somos comunistas ou subversivos. Somos humildes servos de Jesus Cristo e, por amor dele, queremos estar cada vez mais perto de vocês participando de suas angústias e sofrimentos, de suas conquistas e de suas alegrias.

O que é mesmo que Frei Hermano José faz para ser acusado de comunista e ser chamado à Segurança Nacional? Ele prega o Evangelho. Ele ensina que Jesus Cristo não veio só para salvar as almas. Ele veio salvar o homem todo, O Reino de Deus não é só na vida futura. Ele deve começar desde aqui e desde agora com justiça / para todos, comida suficiente para todos, terra para todos poderem trabalhar. Ele prega que não se pode utilizar a terra para plantar cana, bambu ou capim quando muitos homens vivem nessa mesma terra e precisam dela para plantar milho, feijão ou mandioca para alimentar suas famílias. Ele diz que é um pecado muito grave despejar o

homem da terra em que ele mora há 10, 20, 30, ou 40 anos. Ele aconselha os agricultores a se unirem, a recorrerem ao sindicato e à Federação, a procurarem defender seus direitos dentro da lei. Ele celebra as Missas, dá os Sacramentos e reza com o povo. Mas também visita as pessoas para elas sentirem a Igreja bem perto delas. É isso que ele faz. Será isso comunismo e subversão?

Pode até ser que os comunistas cheguem a dizer coisas parecidas com estas. Pode ser. Eles também são pessoas humanas, podem aproximar-se do povo e não estão impedidos de viver a realidade que está aí. Mas o ponto de partida deles e o método de trabalho são muito diferentes que os nossos. O nosso ponto de partida é a fé em Jesus Cristo Salvador. A fé nos leva a procurar ver os homens e os acontecimentos como Deus os vê e agir conforme o Espírito Santo vai nos mostrando na oração e nas reuniões. Sabemos que nem o comunismo nem o capitalismo tem conseguido resolver os problemas da sociedade. O que resolve é os homens aceitarem o Evangelho, se encontrarem como irmãos, quererem bem uns aos outros e colocarem em comum o que possuem: dinheiro, propriedades, / força de trabalho, conhecimentos. Nós todos temos que entrar por esse caminho e nenhum de nós já conseguiu percorrê-lo todo. Cada dia o Espírito Santo nos vai ensinando e ajudando a abrir mais nosso coração para amar, nossas mãos para dar, nossa casa para acolher.

Nós não pregamos a invasão das terras dos outros. O proprietário pode continuar em sua terra, mas deixe o pobre trabalhar e viver sossegado. Mas, quando o campones é ameaçado de despejo por proprietários que olham mais o lucro que a vida de seus irmãos, nós o aconselhamos a defender seus direitos, dentro das leis de nosso país. Alguns deles chegaram mesmo a escrever ao Presidente da República para pedir-lhe a desapropriação, em favor deles, de áreas indispensáveis para sua sobrevivência.

Nós não pregamos a luta de uma classe contra outra; queremos é que todos lutem juntos por um Brasil melhor, queremos que o rico e o pobre, o proprietário e o rendeiro se encontrem como diz o profeta Isaías: "O lobo será hóspede do cordeiro... e o leão comerá palha com o boi" (Is. 11, 6-7)

Ameaçaram Frei Hermano de fazer um processo contra ele e expulsá-lo do país. Tal ameaça teria sido feita se o Frei estivesse defendendo os proprietários, visitando os ricos e comendo com eles? Por que será que somente os que tomam a defesa dos oprimidos é que são considerados subversivos e comunistas?

Se nossos acusadores forem para o meio do povo e perguntarem aos camponeses: "Qual é a maior necessidade de vocês? Em toda a parte, a resposta será esta: "Ter

ra para trabalhar". Se procurarem saber em Dona Inês, em Alhandra, em Mogeiro ou em Serra-da-Raiz por que é que tanta gente deixa aqui seus pais, sua mulher ou seus filhos e vai s'embora para São Paulo ou Rio, a resposta é uma só: " Falta de terra para se trabalhar".

Seria tão bom que os nossos irmãos responsáveis pela segurança Nacional fossem viver algum tempo no meio do povo, participando de seus sofrimentos, trabalhando com ele e comendo do mesmo feijão com farinha. Então eles também iriam apoiar as reclamações do povo e iriam sentir que a verdadeira segurança não se conquista silenciando os clamores de justiça mas transformando metralhadoras em arados e tanques de guerra em tratores agrícolas. (Cf. Is. 2,4).

Para que isso aconteça mais depressa rezemos, meus irmãos, rezemos em todas as comunidades para que os nossos acusadores sejam iluminados pelo Divino Espírito Santo e reconheçam que o que nós queremos não é diferente do que dizia o Presidente Castelo Branco ao recordar trecho da constituição brasileira: " Promover a justa distribuição da propriedade com igual oportunidade para todos". O mesmo Presidente queria que seu governo realizasse o compromisso assumido pelas Repúblicas Americanas e expresso nessas palavras: " Impulsionar programa de reforma agrária integral encaminhada à efetiva transformação onde for necessária a modificação das estruturas dos injustos sistemas de posse e uso da terra, a fim de substituir o regime de latifúndios e minifúndios por um sistema justo de propriedade, de maneira que a terra se constitua para o homem, para o homem que a trabalha, em base da sua estabilidade econômica, fundamento do seu crescente bem estar e garantia de sua liberdade e dignidade. " ( Mensagem nº 33 de 26.10.64).

Hoje os missionários que se comprometem com os humildes são acusados de comunistas e ameaçados de expulsão. Enquanto, isto, os que exploram o país e o indivíduo através dos mecanismos iníquos das multinacionais podem continuar tranquilos. Um dia, porém, a verdade brilhará e a Nação será agradecida aos que, nascidos aqui ou vindos de fora, souberam colocar suas vidas a serviço do Evangelho na pessoa dos mais fracos, dos mais pobres, de todos os marginalizados.

Deus permita que não esteja muito longe esse dia de uma nova manifestação do Senhor em favor do Seu povo. Então ouviremos mais uma vez a voz de Cristo na história: " Quando começarem a acontecer essas coisas, reanimai-vos e levantai as vossas cabeças; porque se apro-

*xima a vossa libertação". (Lc 21,28).*

Seja esta Carta lida nas Missas e nas Celebrações do Culto no 1º Domingo a pós o seu recebimento.

João Pessoa, 12 de dezembro de 1975

### III - MENSAGEM AOS IRMÃOS DA IGREJA DE ITAGUARU

*É uma carta de D. Tomás Balduino, bispo de Goiás, GO. Trata-se de uma tomada de posição diante do fato da prisão de seis lavradores: é denúncia, / Questionamento e solidariedade.*

No dia 23 deste toda esta nossa comunidade de Itaguaru, foi surpreendida pela prisão de seis lavradores, pais de famílias, e membros de grupos do Evangelho.

Visitando no dia seguinte a casa de cada um deles pude avaliar o sofrimento de alguns membros de suas famílias, naturalmente traumatizados e intranquilos / visto ser a primeira vez em suas vidas que estavam tendo problema com polícia. Além do mais são pessoas que embora pobres, e todas elas vivendo do trabalho à meia em pequenas lavouras de subsistência, são de inatacável honestidade e honradez.

A alegação para a prisão destes irmãos seria uma pretensa irregularidade na documentação de suas residências, neste momento em que eles estão concorrendo a uma chapa eletiva no Sindicato de Trabalhadores Rurais.

Interessa-nos a todos nós agora saber claramente quem planejou a prisão destes lavradores. Interessa-nos também saber qual o real motivo de sua prisão.

E começaríamos perguntando: Serão que as Autoridades de Itaguaru estão querendo castigar estes pais de famílias por uma simples questão de limites com Uruana?

Neste caso os verdadeiros culpados não seriam as mesmas autoridades que, há muitos anos vêm aceitando no fôro de Itaguaru os que moram a uma distância de 2 ou 3 quilômetros desta cidade, porém já no município de Uruana?

Por conseguinte não nos parece que seja este o real motivo da prisão.

Não seria por acaso uma questão de luta interna dentro do Sindicato? É sabido que nem o Presidente do Sindicato nem o Presidente da Federação se movimentaram para ajudar os seus companheiros presos. Será então que o Sr. Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura estaria mobilizando a polícia para impedir al-

guma chapa eletiva de seus companheiros de Sindicato?

Se isto é um fato, se este foi algum dos motivos da prisão destes honrados chefes de família é preciso de um modo ou de outro se denuncie a repressão instalada dentro da Instituição sindical, pois ela contraria frontalmente os interesses da classe dos trabalhadores e viola gravemente a legislação sindical. Com efeito a lei não foi feita para perseguir e intimidar o lavrador, mas para apoiá-lo e dignificá-lo.

Há porém uma outra dúvida e uma outra pergunta. Todos estes que foram presos são membros dos grupos do Evangelho. São homens adultos e conscientes que assumiram livremente um sério compromisso de cristãos dentro da nova caminhada da nossa Igreja Católica após o Concílio Vaticano II.

Será então que alguns dos que aqui se dizem católicos estariam procurando destruir estes que se comprometem com o Evangelho?

Estaria sendo programada uma perseguição religiosa em Itaguaru movida contra os mais fracos e os mais pobres que se decidiram pelo Cristo Jesus como fonte de vida e de libertação para todos os homens?

Será possível que haja entre nós falsos irmãos que com o nome de cristãos continuam a adorar e defender o Bezerro de Ouro do Dinheiro e do Poder?

Pelo que se ouve de fofocas e intrigas é bem possível que esta desgraça esteja acontecendo em nossa cidade.

Por isso mesmo, como bispo, preciso deixar bem claras duas coisas:

*1º Se acham que estes cristãos estão errados e estão prejudicando a Sociedade é merecem ser castigados deveriam punir*

não a eles mas o bispo que é responsável por esta Igreja e está aprovando a incen- tivando o trabalho dos grupos do Evangelho.

II? Se querem castigar os membros desta Igreja que o façam às claras, sem subter- fúgios, sem esconder a mão que atirou a pedra, aplicando o direito da acusação em juízo e aceitando o direito igual de defesa também em juízo. Sem usar covar- demente a calúnia para pressionar e in- timidar.

Depois de visitar durante um dia todo estas famílias atingidas posso de- clarar com alegria e esperança que não en- contréi uma comunidade abatida. Pelo contrá- rio, vi homens e mulheres na sua maioria fir- mes e fortes pela consciência cada vez mais clara de estarem servindo os irmãos e por isso mesmo testemunhando em sua própria car- ne aquela profecia de Jesus seguida de re- comendações:

*" Vocês precisam ter cuida- do porque serão presos e levados ao Tribu- nal, e serão surrados com chicotes. Por cau- sa de mim serão levados diante de governa- dores e reis, e falarão a eles sobre o Evan- gelho. Quando prenderem e entregarem vocês às autoridades, não fiquem preocupados an-*

*tes da hora sobre o que devem falar. Quan- do chegar o momento, digam o que Deus der para vocês dizerem. Porque o que falarem não será realmente de vocês mas virá do Es- pírito Santo". ( Mc 13,9-12).*

No dizer de alguns deles es- ta prisão longe de ser água no fogo foi a- dubo na planta.

Por isso, irmãos nós os cristãos e o bispo desta Igreja de Goiás estamos so- lidários e em comunhão com vocês nesta ca- minhada e em suas consequências boas ou ruins. E estejam certos de que esta solida- riedade e comunhão vai muito além dos limi- tes desta diocese de Goiás.

Vocês que foram achados dig- nos de sofrer pelo Evangelho queiram se u- nir a todos nós no mesmo louvor ao Senhor que pela cruz nos abriu o caminho da liber- tação e ressurreição.

Itaguaru, 24.01.76

Nota:

Ordeno que esta mensagem seja lida em todas as celebrações do próximo domín- go, dia 1º de fevereiro em todo território desta diocese de Goiás.

(Obs. Veja os detalhes do fato mais a- diante, nas Notícias.)

NOTÍCIAS

DOS REGIONAIS DA CPT

REGIONAL EXTREMO OESTE, CNBB,

O II Plano Bienal, 1976-1977

no Programa III, que tem como objetivo "pro- mover a ação missionária e profética da I- greja em Mato Grosso para que, discernindo os sinais dos tempos, testemunhe a esperan- ça e ative o amor e a fraternidade", apre- senta uma preocupação e atividades espe- ciais em relação aos camponeses. Bem afir- mam na justificativa: " o processo de desen- volvimento tem deixado à margem dos benefí- cios desse progresso grande parcela de nos- so povo, principalmente os trabalhadores / das áreas urbanas e rurais, as minorias étn- icas e os migrantes".

Nas atividades ligadas a es- te Programa III preve-se contatos com a Co- missão Pastoral da Terra. Pe. João Panazzo-

lo, Secretário deste Regional, escreveu ao nosso secretariado e espera possamos cola- borar uns com os outros. A nossa preocupa- ção fundamental é esta: que a problemática da terra, que a aspiração dos lavradores à terra, que a situação dos migrantes, que tu- do isto esteja presente nos planejamentos da pastoral. É claro que o trabalho efeti- vo é muito mais importante que os planeja- mentos. Por isso nossa Comissão está aber- ta a este desejo de colaboração do Regio- nal Extremo Oeste.

PRELAZIA DE DIAMANTINO E OS POSSEIROS

Recebemos dois documentos.  
" Os pequenos se unem - eclosão de um dra- ma de posseiros na Prelazia de Diamantino"



e "Diamantino - 1975" (Este distribuído sobre a responsabilidade da Igreja local e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais com sede em Diamantino). O primeiro trata exclusivamente do conflito FAZENDA UNIÃO X POSSEIROS, em Afonso, no município de Arenópolis. O segundo, além de outras notícias relata a situação geral dos posseiros e descreve 3 casos: Fazenda Caeté, Santaninha e Caju, todos no município de Diamantino.

### Situação Geral :

Em todos esses "casos" com variantes se repetem os mesmos sinais de violência por parte dos pretensos proprietários, que conseguem apoio das autoridades policiais e judiciárias. O INCRA, órgão criado principalmente para defender os direitos dos posseiros para regulamentar os problemas de conflito por causa das propriedades de terra, nos dois relatórios e na opinião generalizada da população, envolvida ou não diretamente nos conflitos, mais tem atrapalhado que ajudado. É claro que assim não devem pensar os pretensos proprietários e os grileiros, que não passam de intermediários e testas de ferro dos grupos financeiros que pretendem grandes extensões de terra. Para estes, não fosse a resistência do povo que conta com o apoio do Sindicato e da Prelazia, a ação do INCRA teria sido altamente favorável. Provavelmente seja por causa disto que nem INCRA e nem fazendeiros e nem autoridades do Município gostem muito dos dirigentes do SINDICATO e dos Padres da Prelazia.

Na apresentação do texto "Diamantino 1975" encontramos estas passagens: " característica da grande Amazônia é sem dúvida o posseiro. A grande maioria dos posseiros do Brasil vivem nesta região. São os pioneiros que vieram abrir estradas, derrubar matas, cultivar a terra. Nesta árdua tarefa, muitos perderam a vida, pensando no bem dos filhos. Enquanto a terra não tinha valor ninguém se importava com eles. Mas ultimamente, com o incentivo das grandes empresas, dado a elas pelo governo, muitas terras daqui foram adquiridas por tubarões paulistas e enviaram " testas de ferro" para limparem a área, tirando os posseiros e jogando-os na rua. Queimam-se barracos e se ameaça de morte a quem arriscar voltar à área...

Existem, segundo os dados fornecidos pelo INCRA em 1967, cerca de setecentas mil famílias de posseiros no Brasil, num total de 4.822.877 ha. de terra ocupada por eles.

A lei 4.504 do Estatuto da Terra, assinada pelo Presidente Castelo Branco em 1964, garante aos posseiros o direito à posse de sua terra, contanto que nela esteja morando um ano e um dia e a cultivar. A lei dá direito até um módulo, isto é, 50 ha. aumentando conforme a capacidade da família.

### Situação Atual

Nenhum dos quatro casos de conflitos citados está resolvido. Há uma insegurança em relação ao futuro. Mas há também um crescimento de consciência e união, há experiência da força que tem um grupo de posseiros unidos. A lei existe. O que falta é exigir que seja cumprida. E quem deve exigir é o próprio povo, o posseiro o lavrador.

O pessoal da Fazenda União, depois de terem recebido todo o tipo de ameaças, humilhações, havendo até espancamentos e prisões de alguns deles, depois de terem eles mesmos partido para sua defesa, atirando em alguns jagunços, "praticamente todos eles continuam em suas terras. Trabalham com afinco para recuperar o tempo perdido por causa de toda esta situação. Nunca se sentiram tão unidos como agora. e decididos a continuar na terra. Não se pode deixar de notar entre eles um clima apreensivo diante de uma possível volta dos jagunços, inclusive temem ser despejados de suas roças agora crescidas e com a esperança de uma colheita promissora. No dia 18 de dezembro/75, termina o relatório, um avião sobrevoava a região, perto do curral, jogando pelas roças sementes do capim colômbio".

Os posseiros dos outros três casos não estão em melhores situações. Mas importante é a luta feita por eles, é a união que cresce sempre mais, é a experiência de um Sindicato que realmente é dos trabalhadores rurais. É uma Igreja que se liga mais ao povo e o apóia na busca de um futuro melhor.

### ATÉ QUANDO

Em um comentário, Transcrito do "Correio da Imprensa", a situação dos posseiros de Mato Grosso e a do resto do país não é diferente, é assim analisada:

" A julgar-se pelos acontecimentos recentes na região de Casca-leiras, município de Barra do Garças, que refletem simplesmente a situação imperante em diversas outras regiões do Estado, o pequeno e o médio rurícolas matogrossenses estão naquela triste situação em que "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". Porque os senhores da terra (e da guerra), não contentes com a colossal extensão de seus latifúndios, por certo pretendem ampliá-los ilimitadamente, na lei ou na marra, com a utilização dos processos mais torpes, imorais e desumanos.

E a luta pela posse da terra, em Mato Grosso, a cada dia mais se trans-



forma numa briga de foice no escuro, passando de uma simples operação comercial de compra e venda, doação ou herança a uma cruzada armada de conquista pela violência, em que são pisoteados os mais mezinhos princípios legais. E por falar em lei, ninguém sabe a quantas anda esse tal de instituto / legal, num Estado (ou num País) em que as leis sempre foram e continuam sendo desrespeitadas, quando não de todo desconhecidas. Não fosse assim e nesta terra um título de propriedade seria mesmo um título de propr., os direitos inalienáveis de um possessor seriam respeitados como tal e haveria mais segurança e tranquilidade social. Mas como andam as coisas a tranquilidade e a segurança não passam de piadas de mau gosto, já que um título de propriedade não passa de um papel como outro qualquer, podendo mesmo ser dependurado na parede dos mictórios. E haja mictório para receber tanto papel...

E a grilagem, que em todas / as suas formas constitui um ato de inominável violência, já passa a adquirir, em Mato Grosso, os foros de uma instituição, respeitabilíssima, sendo tida (e consentida) a invasão de terras como uma cena comum, corriqueira, doméstica, normal e usual. A terra é a do mais forte, de quem possui mais poder (leia-se dinheiro) para contratar pistoleiros para a expulsão de pobres e inermes lavradores de suas terras de cultura. ATÉ QUANDO?"

(Correio da Imprensa, 12.11.75, Cuiabá - MT, do "Boletim Informativo FETAGRI, / Cuiabá, janeiro de 1976 - nº 27, pag.7 e 8)

## POR QUE É PERSEGUIDO O POVO EM

### SANTA LUZIA - MA?

O Boletim paroquial nº 11 de 1976, "EM CAMINHO"... "nos informa das pressões que são feitas para que o povo assuste e não enfrente os problemas de uma região ambicionada pelo latifúndio, ou explorada / por " projetos de colonização".

" Não podemos mais ficar calados sobre aquilo que está acontecendo. Não queremos que vocês não saibam na verdade os fatos, e que os mais fracos, faltando uma palavra de explicação, percam a coragem e o caminho,

Os fatos: 1) Em setembro foram presos três camponeses do Brejo dos caboclos e levados para S. Luiz, onde ficaram uns 6 dias.

Motivo: tinham em casa o Boletim Paroquial, considerado "subversivo".

Nós perguntamos; Por que não prenderam aque-

les que enviam o Boletim?... Por que prenderam pessoas que, como todos os outros, receberam o Boletim para ler na comunidade católica, boletim que, sendo público, era conhecido pelas autoridades?

2) Em novembro foram pregados nas portas da Igreja de Santa Luzia folhetins que falavam contra o comunismo, e os padres que ajudam a desenvolvê-lo.

Nós perguntamos: Por que pregaram de noite e não de dia?... Será que são comunistas aqueles que pedem justiça?...

3) Em dezembro, durante uma visita dos padres e animadores às comunidades da COMARCO, foram presos Marcelino, o animador da 5ª vicinal, e dois colonos.

Motivo: Teriam ameaçado um soldado à paisana que estava gravando a pregação.

A prisão durou um dia e uma noite. Teve uma troca de palavras entre o Sargento Monteiro e os Padres Arnaldo e Mário. O Sebastião, que passeava atrás da cadeia, foi corrido e batido pelo Sargento.

Nós perguntamos: Por que não foi esclarecido a ninguém o motivo da prisão?... Por que não procuraram também os padres, que tinham feito ao moço a mesma / pergunta: " por conta de quem você grava? " Será esta pergunta uma ameaça?... Por que o convite do Sargento aos presos foi de deixar esse negócio de Igreja e de Padres, que é tudo besteira?...

... Sabemos que alguém enfraqueceu: nós respeitamos as fraquezas, mas continuaremos pregar o Evangelho, que é: querer justiça e verdade - pedir a conversão de todos - lutar por um mundo novo - viver com Cristo, e ele também caluniado e perseguido, e até morto, mas vencedor, porque ressuscitou.

Será que, como fala o Papa Paulo VI, " a obra da evangelização pode ou deve descurar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, pelo que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo? Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade" (Abertura da 3ª Ass. Geral do Sínodo).

"Parabenizo a vocês, escreveu D. Hélio, porque vocês estão sendo perseguidos. Isso é sinal de que são uma Igreja viva. Ninguém persegue mortos... Procuramos ser um grito de Evangelho para todos que encontramos, mesmo que sejam os nossos perseguidores".

Contem conosco. Nós queremos estar / presentes no trabalho de vocês. E nós sabemos os motivos dessas perseguições!

*Continuem firmes na defesa dos direitos dos trabalhadores. Com a firmeza da união construiremos um futuro melhor para todos.*

### MARANHENSES EMIGRAM

Ainda não há um número preciso, mas cálculos conservadores estimam que perto de 100 mil colonos maranhenses migram nos próximos três meses para a Amazônia, onde serão engajados no trabalho de desmatamento para a formação de pastos dos grandes projetos agropecuários que se implantam na região com o apoio do governo. São maranhenses da baixada e das cidades e povoados localizados nos eixos das rodovias Belém-Brasília e Pará-Maranhão, áreas onde são desenvolvidos dois antigos e ambiciosos planos de colonização, com objetivos comuns como a fixação do homem à terra, a oferta de um maior número de empregos e a melhoria do nível de vida dos colonos.

O projeto de colonização do Alto Turi, da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE - pretendia orientar o povoamento de uma área de mais de 900 mil hectares, distante cerca de 600 quilômetros de São Luiz. Assim racionalizar a ocupação de áreas de terras devolutas por meio do assentamento de 40 mil unidades familiares de produção agrícola, num prazo de cinco anos. Mais de dez anos passados e atravessando uma crise financeira, o projeto mal conseguiu assentar precariamente 1.800 / famílias de colonos que vivem sem o título de propriedade das terras, sem financiamentos bancários, e a falta de estradas vicinais interligando os núcleos de colonização com a BR - 316, impede o acesso às zonas de comercialização.

Mais coerente com a filosofia de ocupação econômica adotada para a Amazônia, a Companhia Maranhense de Colonização - COMARCO - selecionou apenas 400 dos seus 2,1 milhões de hectares para os programas de colonização dirigida com base no assentamento de unidades familiares de produção. O restante - 1,7 milhões de hectares - reservou para a implantação de grandes projetos agropecuários e agroindustriais, estabelecendo, para isso, lotes mínimos de 25 mil hectares. Não conseguiu assentar mais que mil famílias, porém, aproximadamente / 115 grandes empresas - a maior parte do Sul do País - desenvolvem atividades pecuárias na região da Pré-Amazônia Maranhense, gerando um baixo número de empregos.

(Estado de S. Paulo, 3/03/75)

### EM ITAGUARU, GO, 6 LAVRADORES SÃO PRESOS

No dia 23 de janeiro de 1976 no município de Itaguaru, Estado de Goiás, o Delegado de Polícia local conservou presos seis trabalhadores rurais durante uma hora.

O fato pode parecer simples para todos nós, se a gente não se perguntar o que estaria por detrás de tudo isso.

De início esses nossos companheiros foram acusados de terem ludibriado a boa fé do delegado.

A história é bem simples e começou assim:

No mês de dezembro de 1975, foi publicado Edital de Convocação para eleições no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaguaru.

Nossos companheiros, apoiados pela Portaria nº 3.437, que regula as eleições sindicais, organizaram e registraram uma chapa concorrente às eleições;

Na hora de registrar a chapa, o Presidente do Sindicato criou problemas porque cinco (5) desses lavradores moravam em local pertencente ao município vizinho.

É bom lembrar que esses trabalhadores moram no local já faz anos, e desde a fundação do Sindicato são sócios, garantidos em conversa com o Presidente da Federação dos Trabalhadores no Estado de Goiás, que teriam os mesmos deveres e direitos dos outros sócios.

No dia 30 de dezembro dois destes companheiros escrevem uma carta a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) relatando estranheza na atitude discriminatória da Federação, / que deu total apoio para organizar a chapa liderada pelo atual presidente do Sindicato, e ao mesmo tempo dificultava o registro da chapa de oposição.

Alguma coisa dizia aos nossos companheiros que nem tudo ia bem.

No dia 23 de janeiro, conforme já contamos, nossos companheiros se encontraram dentro da prisão, acusados de terem mentido, dizendo que moravam no município, e que, levado pela boa fé, o Delegado teria fornecido os Atestados de Vida e Residência para todos eles.

Por causa desta mentira estavam presos e seriam processados.

É bom lembrar que todo o povo daquela região registra seus filhos, casa, emplaca seus carros no município de Itaguaru.

Como então 5 lavradores apenas, seriam os únicos a pagar por um erro que era de todos?

Como então, foi preso também outro lavrador que tinha a sua documentação sem envolvimento com a ludibria



ção da boa fé do Delegado?

Se nós formos buscar notícias um pouco mais longe, veremos que este não é um fato isolado.

Por exemplo: Os trabalhadores do Município de Itaberaí, desde de fevereiro de 1975 não vêem mais seu Sindicato dirigido por gente da própria classe.

São muitos os casos no estado de Goiás, em que os trabalhadores são impedidos de escolherem livremente os seus representantes de classe.

E agora, a prisão de seus companheiros, ligados à chapa concorrente às eleições sindicais de Itaguara, nos indica que existem forças querendo impedir que os trabalhadores rurais tenham os seus verdadeiros e legítimos representantes de classe.

Mas aos nossos companheiros / que embora livres no momento, sentem a ameaça de uma constante perseguição, e a todos / os outros que lutam por um verdadeiro sindi-

calismo, em que não haja enganos, chegue a nossa fé e esperança que a palavra de Cristo vais vencer.

Goiás, 07.02.76

(Equipe de Terras da Diocese de Goiás)

#### GRILEIROS AMEAÇAM COLONOS DO AMAZONAS

Grileiros mato-grossenses, / ou mais precisamente da cidade de Dourados, estão invadindo terras localizadas às Margens da Rodovia Manaus-Porto Velho, armados de espingardas e revólveres, expulsando posseiros amazonenses sob ameaça de morte e indo-se proprietários das terras de acordo com / "escrituras" lavradas no ano de 1821, um ano antes da Independência do Brasil, num cartório de Dourados...

( A CRÍTICA, Manaus, 20.01.76

#### DAS OUTRAS REGIÕES

##### COMO ESTÃO OS POBRES E OS RICOS?

" A base dos dados fornecidos pelo censo de 1970, os economistas Rodolfo Hoffmann e João Carlos Duarte organizaram quadros sugestivos para mostrar a concentração da renda. O primeiro deles repartia assim as camadas da população e a renda que lhes cabia:

Camadas da população	Participação Percentual da renda total	
	1960	1970
40% mais pobres	11,20	9,05
10% seguintes	6,49	4,69
10% seguintes	7,49	6,25
10% seguintes	9,03	7,20
10% seguintes	11,31	9,63
10% seguintes	15,61	14,85
10% mais ricos	38,87	48,35

O segundo mostrava assim a situação:

Camadas da população	Participação percentual da renda total	
	1960	1970
80% mais pobres	45,52	36,82
20% mais ricos	54,48	63,18
5% mais ricos	27,35	36,25
1% mais ricos	11,72	17,77

Dados citados em " Brasil: radiografia de um modelo" - Nelson Weneck Sodré, 2ª Ed. Vozes

" Segundo o Cadastro do INCRA, de 1972, os 50% dos menores estabelecimentos agrícolas (= pequenas propriedades) ocupavam 3,8% da área total. Os 5% maiores ocupavam 68,1% das terras. O 1%, os maiores proprietários, ocupava 46,0% do total. Com isso a gente nota que o latifúndio está firme. Aliás, os 5% e o 1% aumentaram a sua cota. O latifúndio cresce. Para isso, é claro, a pequena propriedade vai diminuindo ou desaparecendo.

E é preciso lembrar que a renda financeira (=dinheiro) também vai ficando com os latifundiários, pois " a posse da terra é a principal fonte de renda nesse setor".

(Cfr. Rodrigues, Hélio, "Concentração da Renda e da Posse da terra - análise crítica de estudos recentes", in Reforma Agrária", Boletim da ABRA, jul/ago/ 1975, pag 9-20)

### COMO VIVEM OS CAMPONESES DO NORDESTE

Uma pesquisa, patrocinada pela A.C.R., e assessorada pelo Pe. Humberto Plumman, sociólogo, depois da análise das respostas apresentadas pelos entrevistados, levou a esta conclusão:

*" A situação da grande maioria dos entrevistados está marcada pela insegurança e dependência. Eles não possuem os meios de produção necessários para o sustento de uma família e progredir. Em particular, não tem terra ou terra suficiente. Estão entregues a si mesmos e vivem em condições materiais precárias. Usam apenas a sua força física, abalada pela fome, pela doença e pela fraqueza. Estão à margem (vivem marginalizados) das possibilidades atuais de produção e instrução.*

*Os camponeses não ficam apenas materialmente pobres, mas sentem-se desumanizados, humanamente retardados, subdesenvolvidos. Estão angustiados e frustrados em sua situação econômica e não esperam nada dos homens".*

### DIOCESE DE LINS, S.P., PREOCUPADA COM OS BÓIAS-FRIA

A Diocese de Lins promoverá neste início de ano um encontro especial para estudar a situação dos bóias-frias e, a partir dessa análise, definir melhor uma ação que responda a esta problemática.

Esta questão é realmente séria e vital para a Igreja que quer assumir a causa da libertação total dos homens, no caso, dos camponeses. Sabe-se que aumentou muito o número dos chamados "assalariados temporários" em todo o Brasil. Se seguirmos o cadastro IBRA/INCRA, "O intervalo quinquenal de 1967 a 1972, registra um aumento máximo de assalariados temporários de 3.778,163 para 6.844.849, ou seja, um incremento de 81%. Em 1972, Minas Gerais aparece como a unidade da federação que abriga o maior número de trabalhadores temporários, seguida de São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Em 1972, quando foi possível determinar também o número total de trabalhadores rurais, Goiás é o estado com maior incidência relativa de mão-de-obra volante, com 75% de sua força de trabalho agrícola nessa condição, seguido por Minas Gerais com 72%, São Paulo com 58%, Paraná com 49%, Pernambuco com 47% e Rio Grande do Sul com apenas 25%," (Cf. O "Bóia Fria" - contradição de uma agricultura em tentativa de desenvolvimento, José Gomes da Silva e Vera Lúcia G. da Silva Rodrigues, In "REFORMA AGRÁRIA", Boletim da ABRA/ set/out/75 - pag 14 - Todo o artigo é realmente importante para entender esta problemática ).

Sendo o problema tão amplo e grave, não seria oportuno enfrentá-lo em conjunto, juntando as Igrejas de cada região? Aguardamos notícias e desejamos que este problema seja encarado com realismo pois a migração constante tem sua causa na rígida e injusta estrutura de posse da terra. É bom interrogar-se: a solução para todos não será uma verdadeira reforma agrária?

*" Não despedirás o indigente, mas terás tudo em comum com teu irmão e não dirás que és o dono, porque se no imortal vós sois co-participantes, tanto mais o sereis nos bens passageiros ". (A Doutrina dos Doze Apóstolos)*

## MINISTRO DEFENDE GRANDE PROPRIEDADE

No ciclo de pequenas revisões do programa de ocupação da Amazônia aplicado pelo Governo Médici a partir de 1970, o atual Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, disse em São Paulo na semana passada: "A pequena propriedade é uma solução inviável para o desenvolvimento da Amazônia". Nesse aspecto, o Ministro é rigorosamente coerente. Embora tenha participado do Governo Médici como Dirigente do Instituto de Pesquisas Econômico-Social - IPEA, Reis sempre defendeu a grande propriedade. Em 1973, elaborou um plano de levar para a região os grandes empresários do Centro-Sul, para os quais o IPEA se propôs a fazer estudos minuciosos em caso de desejarem investir na região. Na época, o então Ministro da Agricultura, Moura Cavalcante, hoje Governador de Pernambuco, negou-se a apoiar o projeto do IPEA, alegando que ele significava a implantação do latifúndio numa região em que o governo instalava pequenos agricultores em lotes de 100 hectares. Rangel Reis, contudo, não desistiu: logo depois de assumir o Ministério do Interior, em março de 1974, elaborou um plano de esvaziamento das funções do INCRA, órgão que pertence ao Ministério da Agricultura. Sua idéia era passar as funções do INCRA na Amazônia para a SUDAM, vinculada ao Ministério do Interior. O projeto foi recusado, mas Reis voltaria a atacar a colonização desenvolvida pelo INCRA, liberando documentos que atestavam a falência do plano de ocupação das margens da Transamazônica.

(Movimento, 15.09.75, nº 11)

## SINDICATO DENUNCIA GRILEIROS NA BAHIA

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Bahia voltou a denunciar, em Salvador, por intermédio de um dos seus advogados, Paulo Rosa Torres, novos atos de violência praticados por grileiros, desta vez em Muritiba, no Recôncavo Baiano. Rosa Torres afirmou que, sob a ameaça de morte, derrubada de casas e vários outros processos violentos, cerca de 100 pessoas estão sendo desalojadas de suas propriedades, na Fazenda Jenipapo, distrito de Tupiacu, em Muritiba, pelo grileiro Everaldo Leite Lima, auxiliado pelo advogado Joaquim Cerqueira e Silva, que lhe têm dado respaldo jurídico.

Segundo o advogado da Federação, a área pretendida pelo grileiro / tem cerca de 400 hectares e é habitada por cerca de 20 famílias. Everaldo Leite Lima comprou apenas um décimo da fazenda Jenipapo e, com o título de propriedade desta parte, vem tentando apossar-se do restante / através dos meios mais condenáveis"...

(Estado de São Paulo, 8.02.76 - pag. 22)

" A primeira mudança foi de uma fazenda para a outra, numa égua. A segunda foi para a Serra Dourada, com dois animais. A terceira para Bocaina, município de Itapirapuã. Depois para Itaberai, lá ficamos um ano. De Itaberai para Uva, de Uva para o Pilão, depois para uma fazenda de Jussara, em carro de boi. Lá ficamos dois anos. Depois, um ano em Impertinentê. De lá para Bacilândia. De Bacilândia para cá (Fazenda Nova) e aqui não sei nem quantas vezes já mudamos "

" Já mudamos demais da conta. Quando troca só de cidade até que é bom. Mas já trocamos de Estado. É chato demais. A gente muda, deixando parentes e amigos. Os bens mesmo, pouca coisa. A gente vende tudo barato demais e até dá. As mudanças surgem de uma hora para outra, não são pensadas. De hoje para amanhã, tem de se desocupar, entregar "

(Entrevistas nº 12 e 3, de uma pesquisa sobre Migração na Diocese de Goiás)



DOS LEITORES

" Recebi e lhes agradeço muito a remessa do Boletim... Tomei conhecimento do conteúdo e lhes dou meus parabéns pela composição e eficiência. Na leitura não encontrei o preço da assinatura! Perseverem no empenho de tão legítima causa! "

Fraternalmente, seu dedicado em Cristo,  
D. Pedro Paulo Koop - M.S.C.  
Bispo de Lins, SP

*Faremos alguns números antes de organizar assinaturas. Tudo depende do interesse dos leitores e amigos. Por enquanto, contamos com ajuda de AIUTO e dos amigos que desejarem contribuir...*

" Cheguei há poucos dias de volta ao Maranhão e tomei conhecimento através do Boletim, da organização da Comissão Pastoral da Terra, projeto tão querido... Graças a Deus recuperei parte da saúde e voltei para continuar a trabalhar... Gostaria de lhe dizer também hoje que se eu pudesse fazer algo aqui, espero orientações ...."

Boa sorte no trabalho.

Saudações do amigo

Victor Asselin

*Alegres com sua volta, contamos, e muito, com sua ajuda, no Maranhão e na CPT.*

" Muito obrigada pelo Boletim... e minhas felicitações pela brilhante ideia de criar um centro de informação e conscientização. Será uma gota / a mais no serviço que a Igreja deve prestar para a promoção do homem brasileiro, tão espezinhado pelos interesses egoístas de poucos.

Sou economista, professor de desenvolvimento rural na Universidade e como sacerdote sei que meu único compromisso é a realização de cada homem e da sociedade como um todo...

Roque Lauschner

- São Leopoldo - RS

" Lemos, de uma só vez, o Boletim nº 1 da CPT. Para além do Boletim olhamos o que será, em termos de Brasil, uma Comissão da Terra.

Acreditamos que, no momento, é o principal e o mais grave conflito social em que está mergulhado o povo pobre em todos os recantos do Brasil: há falta de terras para trabalhar e para morar. Os pobres não tem onde reclinar a cabeça, não tem onde pousar, não tem onde trabalhar. São expulsos dos campos para as periferias das cidades e daí, para outras cidades, sempre mais longe.

Aqui no Regional Nordeste II, temos o Setor da Pastoral Popular Rural e o Setor da Pastoral Urbana: ambos os setores se tem deparado com 7 este problema da falta de terra. É o problema nº 1!...

Certos de nosso intercâmbio, aqui permanecemos unidos a vocês".

Enis Paulo Crespo

Setor Rural - NE II.

*Em GOIÁS há 602.000 famílias de lavradores sem terra. 96% da terra é latifúndio.*



" Pela presente acuso recepção de sua carta ... em que comunica o fato da expulsão do Pe. Francisco Jentel, mostrando ao mesmo tempo a atividade de le durante 20 anos...

Serã então que os grandes proprietários tem todo o poder no país dominando o próprio governo?

E serã que 10 milhões de famílias são obrigadas a ficar sem terra?

Faço votos que a CPT possa com tato e firmeza ter êxito na sua ação junto às Autoridades em favor daqueles que reclamam seu direito a uma parcela / de terra..."

Atenciosamente

Dom Joaquin de Lange  
Bispo - Prelado de Tefé - AM

A todos os que nos enviaram MATERIAL, muito obrigado! Continuemos o intercâmbio...

Recebemos muitas outras cartas, vindas de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, - Rio de Janeiro, Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Agradecemos a todos. Continuem a escrever, dando sugestões, enviando material, publicações...

NOSSO ENDEREÇO:

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA  
Caixa Postal, 174  
74.000 - GOIÂNIA - GO

*" Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exauri-la, ele vai embora. Deixa para trás o tumulto dos seus pais, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece a sepultura dos antepassados e o direito dos filhos SUA GANÂNCIA EMPOBRECERÁ A TERRA E VAI DEIXAR ATRÁS DE SI OS DESERTOS. A vista de tuas cidades é um tormento para os olhos do homem vermelho, um selvagem que nada compreende...*

*De uma coisa sabemos: O NOSSO DEUS É O MESMO DEUS.  
ESTA TERRA É QUERIDA POR ELE.  
NEM MESMO O HOMEM BRANCO  
PODERÁ EVITAR O NOSSO DESTINO COMUM "*

E OS TRABALHADORES RURAIS:  
posseiros, parceiros, peões  
pequenos proprietários,  
tocados da terra pelo latifúndio,  
NÃO TERÃO O MESMO SENTIMENTO DO ÍNDIO?...

